

JESSICA BRODY

INESQUECÍVEL



Tradução
Ryta Vinagre

ROCCO
JOVENS LEITORES

0

DESPERTAR



A água é fria e impiedosa, batendo em meu rosto. Desperta-me ao bater. Enche minha boca com o gosto da solidão salgada.

Tusso violentamente e abro os olhos, apreendendo o mundo ao meu redor. Vendo-o pela primeira vez. Não é um mundo que eu reconheça. Corro os olhos por quilômetros e quilômetros de mar azul-escuro. Pontilhado de objetos grandes e flutuantes. Metal. Como este em que estou deitada.

E então aparecem os corpos.

Conto vinte ao meu redor. Dois ao alcance do meu braço. Mas não me atrevo a tentar pegar.

Os rostos sem vida estão petrificados de pavor. Os olhos estão vazios. Encarando o nada.

Aperto a têmpora latejante com a palma da mão. Minha cabeça parece feita de pedra. Tudo é bege e pesado e visto através de uma lente suja. Fecho bem os olhos.

Uma hora depois, as vozes surgem. Após a noite cair. Ouço-as cortando a escuridão. Levam uma eternidade para chegar a mim. Uma luz rompe a névoa densa e me ofusca. Ninguém fala enquanto sou tirada da água. Ninguém precisa falar. Está claro, pela expressão deles, que não esperavam me encontrar.

Eles não esperavam encontrar ninguém.

Isto é, ninguém vivo.

Estou enrolada em um cobertor azul e grosso, deitada numa superfície de madeira dura. É quando começam as perguntas. Perguntas que fazem meu cérebro doer.

– Qual é o seu nome?

Bem que eu queria saber.

– Sabe onde você está?

Olho para o alto e nada encontro além de um mar de estrelas imprestáveis.

– Você se lembra de embarcar no avião?

Meu cérebro se contorce de agonia, levando a testa a latejar mais uma vez.

Avião. Avião. O que é um avião?

E então vem a pergunta que desperta algo bem fundo em mim. Acende uma faísca mínima e distante em algum lugar nos cantos remotos da minha mente.

– Sabe em que ano estamos?

Pisco, sentindo uma centelha de esperança na boca do estômago.

– Mil seiscentos e nove – sussurro com uma convicção infundada. E então desmaio.

PARTE 1



A QUEDA

NOVAMENTE



O dia de hoje é o único do qual me lembro. Só o que tenho é o despertar naquele mar. O resto é um espaço vazio. Mas não sei até que ponto do passado vai esse espaço – por quantos anos se estende. É isto que caracteriza os vazios: podem ser curtos como um piscar de olhos, ou infinitos. Consumindo toda a sua existência em um clarão branco sem sentido. Deixando-o sem nada.

Sem lembranças.

Sem nomes.

Sem rostos.

Cada segundo que passa é novo. Cada sensação que pulsa por mim é estranha. Cada pensamento que tenho não é nada parecido com o que um dia eu imagino ter pensado. E tudo o que posso esperar é um momento que espelhe outro ausente. Um vislumbre fugaz de familiaridade.

Algo que faça de mim... eu.

Caso contrário, posso ser qualquer pessoa.

É muito mais complicado esquecer-se de quem você é do que simplesmente esquecer seu nome. É também se esquecer dos seus sonhos. Das suas aspirações. Do que faz você feliz. Do que você reza para que jamais lhe falte na vida. É ver a si mesmo pela primeira vez e não ter certeza de sua primeira impressão.

Depois que o barco de resgate atracou, fui trazida para cá. Para este quarto. Homens e mulheres de jaleco branco entram e saem, adejando. Cravam coisas afiadas no meu braço. Examinam gráficos e coçam a cabeça. Apalpam, sondam e observam minhas reações. Querem que haja algo de errado comigo. Mas eu lhes garanto que estou ótima. Não sinto dor nenhuma.

A névoa que me cercava finalmente se esvaiu. Os objetos são nítidos e detalhados. Minha cabeça não parece mais pesar cinquenta quilos. Na realidade, sinto-me forte. Capaz. Ansiosa para sair desta cama. Para sair deste quarto, com seus odores químicos desconhecidos. Mas não vão me deixar ir embora. Eles insistem que preciso de mais tempo.

Pela confusão que vejo gravada na expressão dessas pessoas, tenho certeza de que quem precisa de mais tempo são *elas*.

Eles não me deixam comer comida de verdade. Em vez disso, me dão nutrientes por um tubo em meu braço, inserido diretamente na veia. Centímetros acima de uma pulseira plástica branca e grossa com a palavra *Desconhecida* em caracteres pretos e nítidos.

Pergunto a eles por que preciso ficar aqui, quando claramente não estou machucada. Não tenho ferimentos visíveis. Nenhum osso quebrado. Agito os braços, torço punhos e tornozelos em círculos amplos para provar meus argumentos. Mas eles não respondem. E isso me enfurece.

Depois de algumas horas, eles determinam que eu tenho dezesseis anos. Não sei bem como devo reagir a tal informação. Não sinto ter dezesseis. Mas como vou saber como é ter dezesseis anos? Como posso saber como é ter *qualquer idade*?

E como posso ter certeza de que eles têm razão? Pelo que sei, eles podem ter acabado de inventar esse número. Mas me garantem que fizeram exames detalhados. Especialistas. Peritos. E todos dizem a mesma coisa.

Que eu tenho dezesseis anos.

Os exames, porém, não podem dizer meu nome. Não podem dizer de onde venho. Onde moro. Quem é minha família. Nem mesmo minha cor preferida.

E não importa quantos “especialistas” eles tragam a este quarto, ao que parece ninguém consegue explicar por que eu sou a única sobrevivente de um desastre de avião do tipo que ninguém sobrevive.

Eles falam de uma coisa chamada lista oficial de passageiros. Deduzi que é uma espécie de registro de todos que estavam a bordo do avião.

Também deduzi que não estou nele.

E isto não parece ser bem aceito por ninguém.

Um homem de terno cinza, que se identifica como sr. Rayunas da assistência social, diz que está tentando localizar um parente próximo meu. Ele anda com um dispositivo de metal de aparência estranha que chama de celular. Leva à orelha e fala. Também gosta de olhá-lo fixamente e apertar botões minúsculos em sua superfície. Não sei o que é meu “parente próximo”, mas, a julgar pela reação dele, o homem tem problemas para localizá-lo.

Ele cochicha coisas com os outros. Coisas que suponho que ele não queira que eu ouça. Mas eu ouço mesmo assim. Palavras desconhecidas e estranhas como “lar adotivo” e “a imprensa” e “menor de idade”. De vez em quando, eles param e me espiam de lado. Balançam a cabeça. Depois continuam aos cochichos.

Há uma mulher de nome Kiyana que vem de hora em hora. Tem pele negra e fala com um sotaque que passa a impressão de que está cantando. Ela se veste de rosa. Sorri e afofa meu travesseiro. Coloca dois dedos em meu punho. Escreve em uma prancheta. Passei a ansiar por suas visitas. Ela é a mais gentil de todos. Demora-se, conversa comigo. Faz perguntas.

Perguntas de verdade. Mas ela sabe que não tenho resposta nenhuma.

– Você é tão bonita – diz ela, passando o indicador com ternura em meu rosto. – Como numa daquelas fotos retocadas das revistas de moda, sabe?

Não sei. Mas abro um sorriso fraco, apesar de tudo. Por algum motivo, parece uma reação adequada.

– Nem uma manchinha – continua. – Nem um defeito. Quando recuperar a memória, você vai me contar seu segredo, meu bem. – E ela dá uma piscadela para mim.

Agrada-me que ela diga *quando* e não *se*.

Não me lembro de ter aprendido essas palavras, mas entendendo a diferença.

– E esses olhos... – sussurra ela, aproximando-se. – Nunca vi uma cor assim. Quase lavanda. – Kiyana se interrompe, pensando, e se curva para mais perto ainda. – Não. Violeta. – Ela sorri como se tivesse se lembrado de um segredo há muito perdido. – Aposto que seu nome é esse. Violet. Lembra alguma coisa?

Balanço a cabeça. É claro que não lembra.

– Bom – diz ela, ajeitando os lençóis da cama –, é assim que vou te chamar. Só até você se lembrar do seu nome verdadeiro. É muito mais legal que Desconhecida.

Ela se afasta um passo, vira a cabeça de lado.

– Uma garota tão bonita. Nem se lembra como é, né, meu bem?

Meneio a cabeça de novo.

Ela sorri com doçura. Seus olhos se enrugam nos cantos.

– Então, espera um minutinho. Vou te mostrar.

A mulher sai do quarto. Volta um instante depois com um espelho oval. A luz se reflete nele quando ela se aproxima do leito. Ela o ergue.

Aparece um rosto na moldura rosa-claro.

Um rosto com cabelos castanhos, lisos, compridos e cor de mel. Pele dourada e macia. Um nariz pequeno e reto. Boca em formato de coração. Maçãs do rosto salientes. Olhos púrpura, grandes, quase amendoados.

Eles piscam.

– Sim, é você – diz ela. E depois: – Você devia ser modelo. Que perfeição.

Mas não vejo o que ela vê. Vejo apenas uma estranha. Uma pessoa que não reconheço. Um rosto que não conheço. E por trás daqueles olhos estão dezesseis anos de experiência que temo jamais ser capaz de lembrar. Uma vida aprisionada atrás de uma porta trancada. E a única chave se perdeu no mar.

Vejo lágrimas roxas formarem-se no reflexo do vidro.

COBERTURA



“O mistério continua a obscurecer o trágico acidente do voo 121 da Freedom Airlines, que caiu no oceano Pacífico no final da tarde de ontem, depois de decolar do Aeroporto Internacional de Los Angeles em uma viagem sem escalas a Tóquio, no Japão. Os especialistas trabalham 24 horas por dia para determinar a identidade da única sobrevivente conhecida do voo, uma menina de dezesseis anos encontrada boiando e relativamente incólume em meio aos destroços. Os médicos do Centro Médico da Universidade da Califórnia, onde a menina é tratada, confirmam que a jovem sofre de amnésia grave e não se lembra de nenhum fato anterior ao acidente. Não foi encontrada nenhuma identificação com a menina, e a polícia de Los Angeles ainda não conseguiu encontrar dados compatíveis para suas digitais ou DNA em todos os bancos de dados do governo. Segundo uma declaração da Agência Federal de Aviação, no início desta manhã, acredita-se que ela não viajava com a família e não há relatos de desaparecidos que combinem com sua descrição.

“O hospital liberou esta primeira fotografia da menina no dia de hoje, na esperança de que alguém com informações se apresente. As autoridades estão otimistas...”

Olho fixamente meu rosto na tela da caixa preta e fina pendurada acima da cama. Kiyana diz que se chama televisão. O fato de eu não saber disso me perturba. Em particular quando ela me diz que quase todas as casas do país têm uma.

Os médicos dizem que eu *deveria* me lembrar de coisas assim. Embora minhas lembranças pessoais pareçam “temporariamente” perdidas, eu *deveria* estar familiarizada com objetos, marcas e nomes de celebridades da atualidade. Mas não estou.

Conheço palavras, cidades e números. Gosto de números. Eles me parecem reais quando tudo em volta de mim não é. São concretos. Posso me agarrar a eles. Não consigo me lembrar do meu próprio rosto, mas sei que os dígitos entre um e dez são agora os mesmos que eram antes de eu perder tudo. Sei que devo tê-los aprendido a certa altura da minha vida eclipsada. E isso é o mais próximo de uma familiaridade a que consegui chegar.

Faço contas para me manter ocupada. Para manter a mente cheia de algo além do espaço vazio. Contando, consigo criar fatos. Itens que posso acrescentar à lista irrisória das coisas que sei.

Sei que alguém chamado dr. Schatzel visita meu quarto a intervalos de cinquenta e dois minutos e traz uma xícara de café em cada terceira visita. Sei que a estação de enfermagem fica de vinte a vinte e quatro passos de meu quarto, dependendo da altura de quem está de serviço. Sei que a repórter parada junto ao meio-fio do Aeroporto Internacional de Los Angeles pisca quinze vezes por minuto. A não ser que esteja respondendo a uma pergunta do locutor no estúdio. Então seu piscar sofre uma aumento de 133%.

Sei que Tóquio, no Japão, é uma longa viagem para uma menina de dezesseis anos fazer sozinha.

Kiyana entra no quarto e franze a testa para a tela.

– Violet, meu amor – diz ela, apertando um botão na base do aparelho que dissolve meu rosto em preto –, ver o noticiário 24 horas por dia não vai te fazer bem nenhum. Só vai perturbar mais. Além disso, tá ficando tarde. E você já tá acordada há horas. Por que não tenta dormir um pouco?

Em desafio, aperto o botão no pequeno dispositivo ao lado da cama e a imagem do meu rosto reaparece.

Kiyana solta uma gargalhada cantarolada e alegre.

– Não sei quem é você, srta. Violet, mas tenho a sensação de que é do tipo que sabe o que quer.

Assisto à televisão em silêncio enquanto transmitem ao vivo imagens do local do acidente. Uma peça grande e redonda – com janelas ovais mínimas percorrendo sua extensão – enche a tela. O logotipo da Freedom Airlines pintado na lateral passa lentamente. Curvo-me para a frente e o examino, analiso atentamente a letra curva, vermelha e azul. Procuo me convencer de que tem algum significado. Que em algum lugar de meu cérebro tábula rasa essas letras representam alguma coisa. Fracasso, porém, sem chegar à conclusão alguma.

Como os pedaços da minha memória fragmentada, os destroços são outra parte espatifada que antes pertenciam a um todo. Algo que tem significado. Propósito. Função.

Agora é apenas a lasca de uma imagem maior que não consigo encaixar.

Jogo-me no travesseiro com um suspiro.

– E se ninguém vier? – pergunto num sussurro, ainda me encolhendo ao som desconhecido da minha própria voz. Parece outra pessoa falando no quarto, e eu apenas fazendo a mímica das palavras.

Kiyana se vira e me olha, estreitando os olhos, confusa.

– Do que você tá falando, meu bem?

– E se... – As palavras parecem deformadas quando saem aos tropeços. – E se ninguém vier me buscar? E se eu não tiver ninguém?

Kiyana solta o riso pelo nariz.

– Ora essa, que coisa mais boba. Não quero nem ouvir isso. Abro a boca para protestar, mas Kiyana a fecha com a ponta dos dedos.

– Agora, escute aqui, Violet – diz ela num tom sério. – Você é a garota mais bonita que eu já vi em toda a minha vida. E eu já vi um monte de garotas. Você é especial. E ninguém que é especial fica esquecido. Só aconteceu a menos de um dia. Alguém vai te procurar. É só uma questão de tempo.

Com um gesto de cabeça satisfeito e um aperto dos dedos, ela solta meus lábios e volta à sua rotina.

– Mas e se eu não me lembrar deles, quando aparecerem?

Kiyana parece menos preocupada com esta pergunta do que com a anterior. Alisa os lençóis em volta dos meus pés.

– Você vai se lembrar.

Não sei como ela pode ter tanta certeza quando eu não consigo me lembrar nem mesmo do que é uma televisão.

– Como? – insisto. – Você ouviu os médicos. Todas as minhas lembranças sumiram completamente. Minha mente é um vazio enorme.

Kiyana solta um estalo estranho com a língua enquanto ajeita a cama.

– Não faz diferença. Todo mundo sabe que as lembranças que importam de verdade não estão na mente.

Acho sua tentativa de estímulo extremamente inútil. Isso deve transparecer em meu rosto, porque ela aperta um botão para reclinar a cama.

– Trate de não ficar agitada. Por que não descansa? Foi um longo dia.

– Não estou cansada.

Vejo-a cravar uma agulha comprida no tubo ligado ao meu braço.

– Pronto, meu bem – diz ela carinhosamente. – Isso vai ajudar.

Sinto as drogas entrarem em minha corrente sanguínea. Parecem nacos pesados de gelo navegando por um rio.

Através da névoa que lentamente recobre minha visão, vejo Kiyana sair do quarto. Minhas pálpebras estão pesadas. Caem. Combato a fadiga crescente. Detesto que eles consigam me controlar com tanta facilidade. Faz com que eu me sinta desamparada. Fraca. Como se estivesse de novo no meio do mar, boiando sem rumo.

O quarto fica borrado. Vejo alguém na porta. Uma silhueta. Avança para mim. Rapidamente. Com urgência. Depois, uma voz. Grave e bonita. Mas o som é um tanto distorcido pela substância bombeando pelo sangue.

– Consegue me ouvir? Abra os olhos, por favor.

Algo morno toca minha mão. De imediato, o calor inunda meu corpo. Como um fogo se espalhando. Um fogo bom. Uma queimadura que procura me curar.

Luto para ficar desperta, pelejando contra a névoa. É uma batalha perdida.

– Acorde, por favor. – A voz agora está distante. Desaparece rapidamente.

Mal consigo enxergar o rosto de um jovem. Um rapaz. Pairando centímetros acima de mim. Ele entra e sai de foco. Distingo cabelos pretos. Molhados sobre a testa. Olhos calorosos, cor de bordo. Um sorriso torto.

E, sem pensar, sem intenção alguma, sinto-me sorrindo também.

Abro a boca para falar, mas as palavras saem distorcidas. Semiformadas. Semiconscientes.

– Eu conheço você?

Ele aperta minha mão.

– Sim. Sou eu. Você lembra?

A resposta vem antes mesmo que eu possa tentar responder. Ecoa em algum recanto da minha mente. O bruxulear distante de uma chama que não está mais acesa. Uma voz que não é a minha.

Sim.

Sim, sempre.

– Isto não devia acontecer. – Ele fala mansamente, quase sozinho. – Você não deveria estar aqui.

Esforço-me para entender o que está acontecendo. Agarro-me à inesperada onda de esperança que vem à tona. Mas ela passa com a mesma rapidez com que aparece. Extinta no vazio escuro da minha memória exaurida.

Um gemido baixo escapa dos meus lábios.

Sinto que ele anda à minha volta. Movimentos rápidos e leves. O tubo que estava no meu nariz é retirado. O intravenoso é delicadamente puxado da veia. Há um leve puxão no cordão preso à ventosa por baixo da camisola, depois um bipe estridente enche o quarto.

Ouçõ passos frenéticos pelo corredor, vindos da estação de enfermagem. Alguém chegará aqui em menos de quinze passadas.

– Não se preocupe – continua ele aos sussurros, entrelaçando os dedos quentes nos meus e apertando. – Vou tirar você daqui.

De repente, estou tremendo. Um calafrio se agita em mim. Substituindo lentamente cada faísca de calor que perdurava pouco abaixo da minha pele.

E é quando percebo que o toque da mão dele desapareceu. Com todas as minhas forças, estendo o braço, procurando por ele. Agarro o ar frio e vazio. Luto para abrir os olhos pela última vez antes de a escuridão cair.

Ele sumiu.

ACESSÓRIOS



Na manhã seguinte, acordo letárgica. As drogas persistem em meu corpo. Braços e pernas estão pesados. Minha garganta está seca. A visão está borrada. Leva alguns minutos para clarear.

Kiyana entra. Sorri quando me vê.

– Bem, olha só quem acordou.

Aperto o botão na caixa pequena a meu lado. O encosto da cama se ergue até que fico sentada e reta.

Kiyana vai ao corredor e volta alguns segundos depois com uma bandeja.

– Trouxe um café da manhã pra você. Que tal experimentar uma comida de verdade?

Olho os itens na bandeja. Não consigo identificar nem um só deles.

– Não.

Ela ri.

– Até que eu te entendo. Pra você, é comida de hospital.

Ela leva a bandeja para o corredor e volta, escrevendo coisas na prancheta.

– Sinais vitais bons – diz ela com uma piscadela. – Como sempre. – A ponta de seu dedo faz *tap tap tap* em uma tela no monitor cardíaco ao lado da minha cama. – Você tem um coração bom e forte aí.

As máquinas.

O cordão.

Tinha um garoto no meu quarto.

Levo a mão ao rosto. O tubo no nariz está intacto. Baixo os olhos para o braço. O intravenoso foi reinserido. Espio o quarto. Não há ninguém, apenas Kiyana.

Mas ele esteve aqui. Eu o ouvi. Eu o vi.

Quem era ele? Eu o conhecia? Ele disse que sim.

Sinto o calor no estômago mais uma vez. A esperança crescendo.

– Kiyana? – Minha voz é inexplicavelmente trêmula.

– Sim, meu bem? – Ela bate a caneta no saco cheio do líquido transparente preso ao intravenoso.

Engulo ar seco.

– Alguém... – Meu lábio começa a tremer. Eu o mordo antes de tentar novamente. – Alguém veio aqui ontem à noite? Uma visita?

Seu rosto se espreme enquanto ela vira uma página na prancheta. Depois, lentamente, meneia a cabeça.

– Não, meu bem. Só a enfermeira da noite. Quando você arrancou seu intravenoso dormindo.

– O quê? – Minha garganta se aperta, mas eu forço. – Eu fiz isso?

Ela assente.

– Acho que você não se deu muito bem com os remédios. Sinto minha expressão de decepção.

– Ah.

Mas agora a imagem do garoto é muito nítida em minha memória. Posso ver seus olhos. E como seu cabelo preto caiu sobre eles quando ele se curvou para mim.

– Mas olha só – diz Kiyana com ênfase, o olhar disparando discretamente para a porta aberta, depois voltando a mim.

Um sorriso manhoso surge em seu rosto enquanto ela se curva e cochicha. – Ouvi boas notícias hoje de manhã.

Olho para ela.

– Começaram a entrevistar umas pessoas que alegam conhecer sua família.

– Verdade? – Sento-me mais ereta.

– É. – Ela confirma com uns tapinhas na minha perna coberta pelo lençol. – Centenas de pessoas telefonaram depois do noticiário de ontem. A polícia as interrogou a noite toda. – Ela olha furtivamente o corredor mais uma vez. – Mas eu não devia te contar isso, então vê se não me mete em problemas.

– Centenas? – pergunto, subitamente confusa. – Mas como podem ser centenas?

Sua voz voltou a ser um sussurro.

– Até agora, todos foram impostores. Gente que quer aparecer.

– Quer dizer que as pessoas mentiram sobre me conhecer?

O rosto do garoto de imediato se dissolve. Assim como o toque quente de sua mão na minha pele.

Ela balança a cabeça, numa censura patente.

– Olha, vou te contar. A culpa é da imprensa. Você virou uma celebridade da noite para o dia. Tem gente muito desesperada por atenção.

– Por quê?

– Essa é uma pergunta que precisa de muita explicação, meu bem. Uma explicação que não sei se posso te dar. Mas tenho certeza de que um dos telefonemas vai acabar se provando verdadeiro.

Sinto os ombros arriarem e o corpo afundar. Parece que minha coluna desistiu de mim.

Impostores.

Mentirosos.

Farsantes.

Será que o garoto era um deles? Alguém tentando conhecer a famosa sobrevivente do voo 121? A ideia provoca em mim uma onda de emoção. A ideia de que ele conseguiu me fazer sentir um fiapo de esperança – de uma falsa esperança – faz com que eu me sinta uma tola. E furiosa.

Mas talvez ele jamais tenha estado aqui. Os remédios podem ter provocado alucinações. Inventei coisas.

Inventei pessoas.

Recosto-me de novo no travesseiro, murcha. Pego o controle remoto e ligo a televisão. Minha fotografia ainda está na tela, embora tenha sido redimensionada e colocada no canto superior direito. Uma nova repórter está na frente da mesma placa do Aeroporto Internacional de Los Angeles.

“Repetimos”, diz ela, “quem tiver informações sobre a identidade da menina deve telefonar para o número que aparece na tela.” Surge uma carreira longa de dígitos abaixo do peito da mulher. A mesma que apareceu ontem.

E repentinamente tenho uma ideia.

– Kiyana?

Ela está escrevendo algo na prancheta; para e ergue os olhos para mim.

– Que foi, meu bem?

– Como sabem que quem ligou é um impostor?

Ela volta a olhar a prancheta e continua a tomar notas, respondendo distraidamente a minha pergunta.

– Porque nenhum deles sabia do medalhão.

Meu olhar voa para ela.

– Que medalhão?

Ela ainda não ergue os olhos, sem perceber o alarme em minha voz.

– Aquele que estava com você quando a encontraram. – A voz dela fica mais lenta ao chegar ao final da frase, e Kiyana

percebe minha palidez. Algo que evidentemente ela não esperava ver.

Sua mão vai à boca, como que para recapturar as palavras que sem querer ela libertou.

Mas é tarde demais. Já estão impressas em meu cérebro desolado.

Sinto os dentes trincarem e meus olhos se estreitam enquanto volto a expressão furiosa para ela e ferver de raiva.

– Ninguém me falou nada de um medalhão.